

PASCALE CASANOVA
GISÈLE SAPIRO
A REPÚBLICA MUNDIAL DAS LETRAS

"A NOÇÃO DE CAMPO DE UMA PERSPECTIVA TRANSNACIONAL"

Luiz Jackson

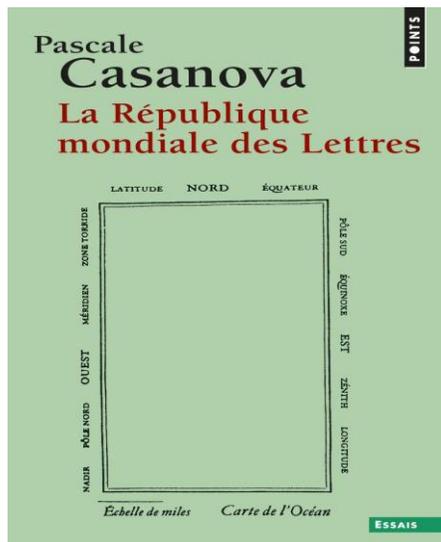
novembro/2021

Dados biográficos e publicações

- Pascale Casanova (1959-2018)
- Gisèle Sapiro (1965)
- Última geração de orientando(a)s de Bourdieu
- Aprofundam, expandem e politizam programa de pesquisa em sociologia da literatura
- Relação mais direta com Bourdieu nos anos de 1990, no contexto do curso que daria origem ao livro *Sobre o Estado* (FR, 2012/BR, 2017)



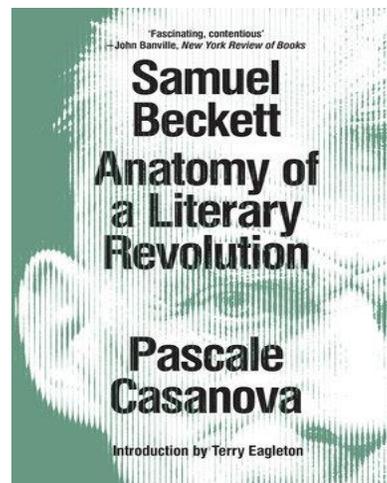
Pascale Casanova - livros



1999



2002



1997



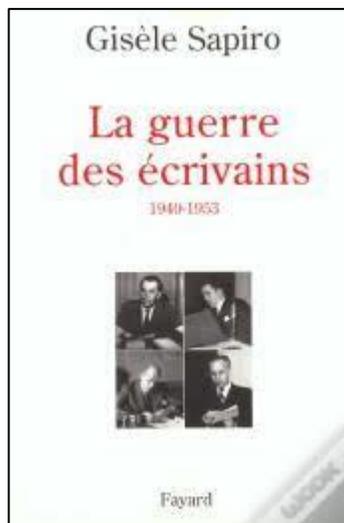
2015/2021



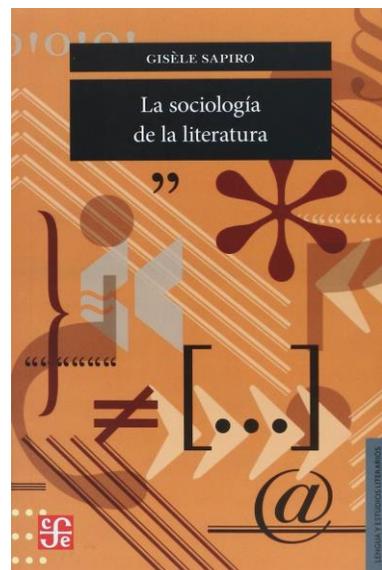
2011

Gisèle Sapiro - livres

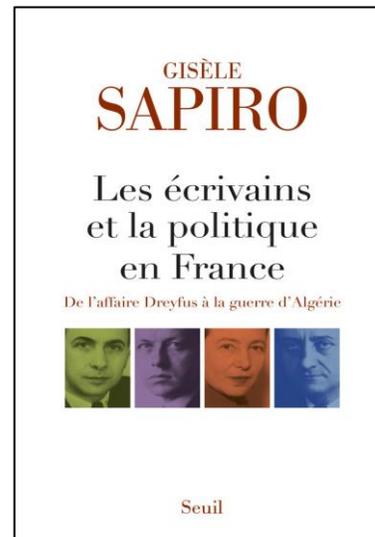
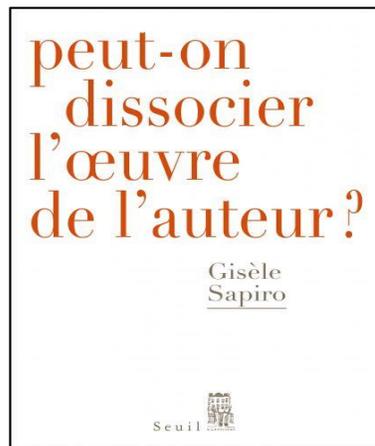
1999



2014

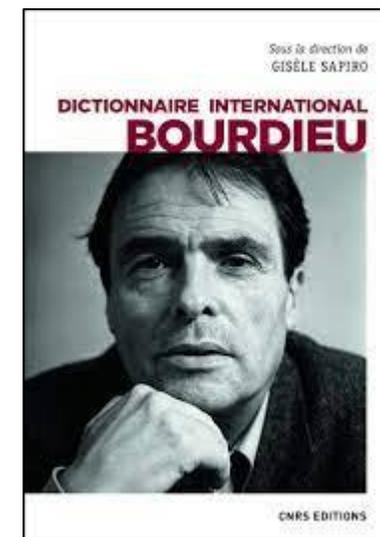


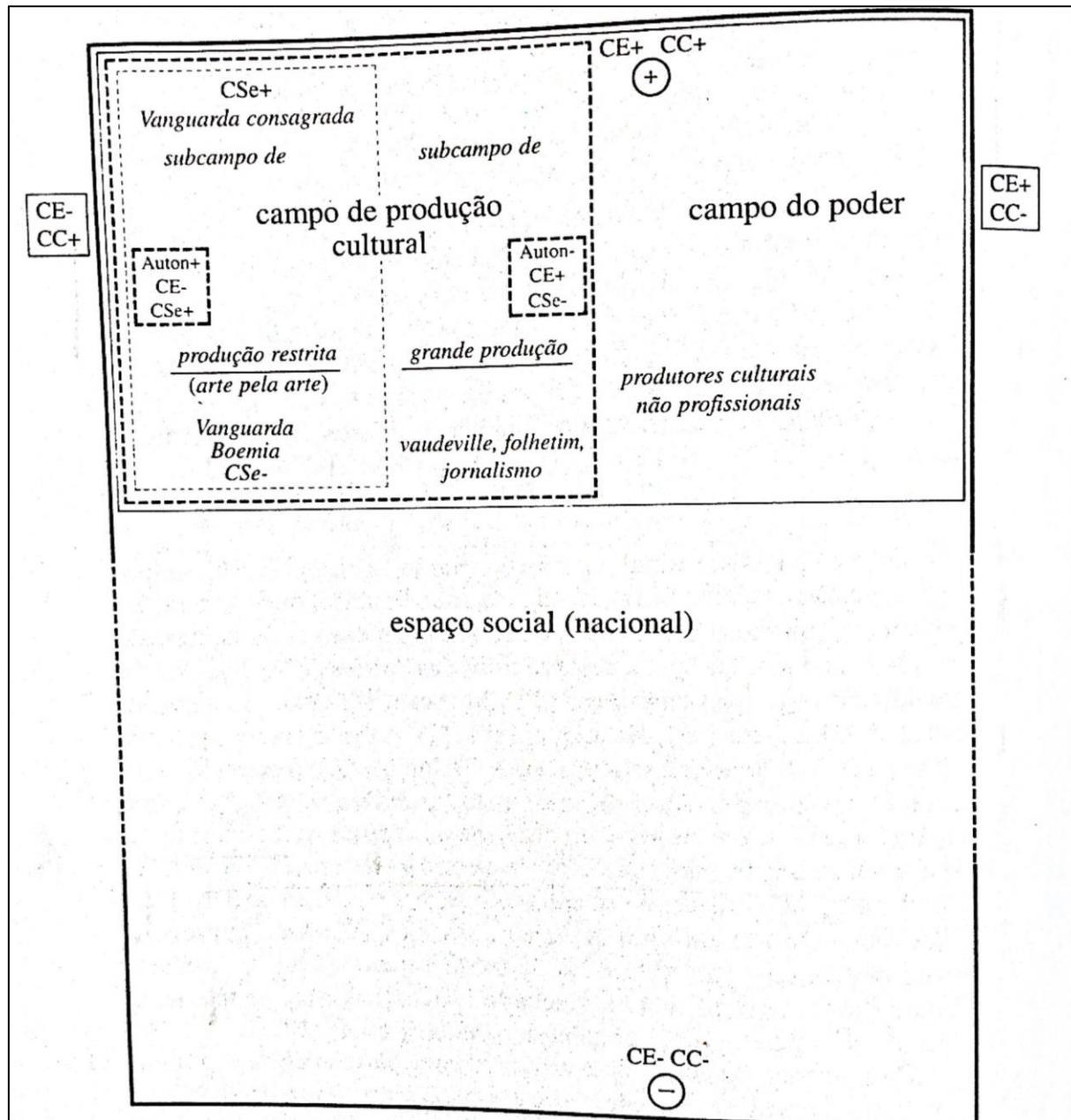
2020



2018

2021





O campo de produção cultural no campo do poder e no espaço social

passos da análise sociológica sobre a literatura



- “[1] a análise da posição do campo literário (etc.) no seio do campo do poder, e de sua evolução no decorrer do tempo
- [2] análise da estrutura interna do campo, universo que obedece às suas próprias leis de funcionamento e de transformação, isto é, a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade
- [3] a análise da gênese dos *habitus* dos ocupantes dessas posições, ou seja, os sistemas de disposições que, sendo o produto de uma trajetória social e de uma posição no interior do campo, encontram nessa posição uma oportunidade mais ou menos favorável de atualizar-se” (p. 243)

Pascale Casanova – esquema analítico

- Perspectiva sociológica radical, ambiciosa e abrangente
- Sugere a necessidade de analisar autores e obras no interior da totalidade do espaço literário mundial
- Por meio dessa proposta expande a análise de Bourdieu nas *Regras da arte*
- Espaço literário internacional se constitui a partir do século XVI, atrelado à formação do Estado francês, processo que instaura uma disputa entre nações

Pascale Casanova – esquema analítico (2)

- Correlação entre emergência do Estado Nação, das línguas comuns e das literaturas nacionais
- Reivindicação do Estado e do francês (contra a Igreja e o latim) como língua literária nacional (século XVI)
- Como primeira literatura nacional, literatura francesa se identifica progressivamente como “universal”

Pascale Casanova – esquema analítico (3)

- Literaturas inglesa e alemã (depois outras) são reivindicadas em oposição à francesa no século XVIII, como literaturas “nacionais”
- Espaço mundial se unifica pela concorrência entre nações
- Espaço literário mundial se organiza pela oposição entre os grandes espaços nacionais - os mais antigos – e pelas relações assimétricas destes com os mais recentes e menos dotados

Pascale Casanova – esquema analítico (4)

- “Pequenas literaturas”, estratégias típicas de legitimação dos escritores: afirmar-se a partir da nação (politização) ou buscar a universalidade, “atravessar o espelho” e impor-se no centro
- “As duas grandes ‘famílias’ de estratégias, fundadoras de todas as lutas dentro dos espaços literários nacionais, são, por um lado, a *assimilação*, isto é, a integração, por uma diluição ou desvanecimento de qualquer diferença original, em um espaço literário dominante e, por outro, a dissimilação ou a *diferenciação*, isto é, a afirmação de uma diferença a partir, sobretudo, de uma reivindicação nacional” (p.221)
- Exemplos: Kafka e Beckett

“A noção de campo de uma perspectiva transnacional”

- “Campo” seria restrito ao espaço nacional ou poderia ser pensado como transnacional?
- Recuo no tempo em relação ao processo de autonomização descrito por Bourdieu nas *Regras das Arte*, concentrado na segunda metade do século XIX
- Campos resultariam de processos de diferenciação social (Durkheim e Weber), não de forma mecânica e inelutável, mas sim a partir de disputas concretas
- Campos econômico e político, dominantes no século XIX, teriam se autonomizado e imposto (contra a Igreja e o campo religioso) na França a partir do processo de centralização política, formação do Estado Nação (e do parlamentarismo), e desenvolvimento da economia de mercado, capitalista

“A noção de campo de uma perspectiva transnacional” (2)

- Campo literário se constitui, então a partir de sua formação tutelada pelo Estado, depois pela economia, com o desenvolvimento de uma mercado de bens simbólicos, e, finalmente, a partir de sua autonomização, com a reivindicação da “arte pela arte” e a imposição de princípios de visão e de divisão internos
- Pressuposto: campos em transformação constante, em função de lutas externas (com outros campos) no campo do poder e internas. Autonomia sempre relativa e baseada em equilíbrio frágil
- Retoma Pascale e lembra que afirmação dos campos nacionais se dá no interior de uma disputa entre nações. Nesse sentido, campos sempre transbordam territórios nacionais

“A noção de campo de uma perspectiva transnacional” (3)

- “Circulação de pessoas e de modelos é largamente determinada por relações de força desiguais, entre países centrais e periféricos (ou dominantes e dominados” (p.243)
- Grau de internacionalização dos campos é variável, em função de parâmetros diversos, dificultado quando ao conhecimento da língua é condição de entrada